



GT 02. Amazônia e Nordeste indígenas: por uma etnologia transversa

Coordenador(es):

Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (UFBA)

Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Ugo Maia Andrade (UFS - Universidade Federal de Sergipe)

Trata-se de reeditar o fórum de debates – iniciado há quase uma década nos espaços da RBA e REA – em busca de confluências etnográficas entre sistemas ameríndios na Amazônia e no Nordeste/Leste brasileiro, regiões cujas etnologias tradicionalmente vêm conservando, uma em relação à outra, reservas e antíteses de naturezas conceitual, metodológica e ideológica. Mais que ratificar distinções, cabe procurar as membranas e intersecções entre as etnologias produzidas sobre ambas as regiões, seja, por exemplo, através de pesquisas sobre sociogêneses na Amazônia ou sobre o xamanismo atinente ao complexo do Toré no Nordeste/Leste. Nesse espírito, o GT pretende reunir comunicações interessadas na construção de comparações etnológicas Amazônia-Nordeste/Leste a partir de eixos comuns que modulam relações interindígenas ou entre índios e não índios – sob olhares etnográfico, histórico ou etno-histórico – preservando o espírito salutar de propor alternativas à dicotomia “externalismo X internalismo” que tem balizado a produção antropológica sobre o Nordeste/Leste e a Amazônia indígenas, nas últimas décadas, e que urge problematizar, mediante a criação de um espaço que acolha os distintos contextos etnográficos e as diversas perspectivas teórico-metodológicas que compõem a etnologia indígena no Brasil, assegurando-lhes interação e permanente exercício comparativo. Trabalhos de pesquisadores indígenas serão especialmente bem vindos.

Terra de caboclo é terra de encantaria

Autoria: Deanny Stacy Sousa Lemos (UFPI - Universidade Federal do Piauí), Deanny Stacy Sousa Lemos

A presente pesquisa que é fruto da monografia na qual trabalhei sobre as retomadas realizadas no território indígena akroá gamella no estado do Maranhão, entre os municípios de Viana, Matinha e Penalva. O território possui 14,5 mil hectares, de acordo com a carta de doação da terra de 1759, porém os indígenas ocupam apenas 530 hectares dividida entre nove aldeias onde vivem mais de 700 famílias, as outras localidades que compõem o território são referidas como ??comunidades??, ao total possuem 36, dentre algumas ficou evidente que há presença de não indígenas. Durante o processamento dos dados obtidos em campo, o assunto sobre os seres sagrados se tornaram temas constantemente falados nas entrevistas, nas rodas de conversa, nos passeios pela mata, durante a pesca, em vários espaços, as narrativas sempre puxavam os encantados como tema para a conversa, nestes lugares pude compreender que estes seres sagrados que são caracterizados por serem uma classe de seres humanos e não humanos que habitam a terra indígena, sendo responsáveis pela proteção do território e da cultura akroá gamella, pois nas narrativas que chamou atenção no que diz a respeito sobre os encantados, era que se distanciaram da sua identidade indígena porque foram afastado das águas e conseqüentemente dos encantados. Os encantados vivem em locais conhecidos como ?pontos de índio? ou ?pontos sagrados?, que são caracterizados como a sua morada, deste modo, a natureza também se torna uma entidade sagrada por abrigar os encantados e todo a gama de elementos sagrados que possuem, como por exemplo os animais que podem ser representação de alguns seres sagrados, João Piraí é um encantado que vive as margens do rio que carrega seu nome. Deste modo, este work busca



retratar sobre os encantados presentes no território akroá gamella e a relação de simbiose que possuem com o território.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: